

A DIFERENÇA ENTRE FILOGIA E LINGÜÍSTICA E O TRABALHO DO FILÓLOGO

José Mario Botelho (FFP-UERJ)
botelho_mario@hotmail.com

RESUMO

Objetivo deste artigo, referente à Aula-Conferência nesse XIII SINEFIL, é estabelecer a diferença entre Filologia e Linguística, esclarecendo as suas características particulares e as afins, para entendermos o relacionamento entre essas duas ciências ou disciplinas da ciência da Linguagem. Para isso, vamos desenvolver duas lições: na Lição 1, a partir da leitura do artigo “Filologia: ‘O que é e qual é o seu campo de atuação?’”. Um legado de Bruno Bassetto”, de Botelho (2020), vamos apresentar a definição de Filologia à semelhança do que fizera o filólogo brasileiro Bassetto (2001), e estabelecer a delimitação e os métodos de Filologia Românica em particular com base também nessa mesma obra de Bassetto. Na Lição 2, vamos, primeiramente, definir o termo “linguística” e colocar lado a lado a Linguística e a Filologia, para reconhecer as semelhanças, que há entre elas, e constatar que são duas disciplinas de uma mesma ciência, e que é possível a existência de uma interdisciplinaridade entre esses dois campos de estudos da linguagem.

Palavras-chave:

Filologia. Linguística. Trabalhos filológicos.

Résumé

L'objectif de cet article, faisant référence à la classe-conférence de ce XIII SINEFIL, est d'établir la différence entre la Philologie et la Linguistique, en précisant leurs caractéristiques particulières et connexes, afin de comprendre la relation entre ces deux sciences ou disciplines des sciences du langage. Pour cela, nous développerons deux leçons: dans la leçon 1, basée sur la lecture de l'article «Philologie : ‘Qu'est-ce que c'est et quel est son champ d'action?’». Un héritage de Bruno Bassetto », de Botelho (2020), nous présenterons la définition de la Philologie similaire à ce qu'avait fait le philologue brésilien Bassetto (2001), et établirons la délimitation et les méthodes de la Philologie Romane notamment à partir de ce même ouvrage de Bassetto. Dans la leçon 2, nous définirons d'abord le terme « linguistique » et mettrons côte à côte la Linguistique et la Philologie, pour reconnaître les similitudes entre elles, et pour voir qu'il s'agit de deux disciplines de la même science, et qu'il est possible l'existence de une interdisciplinarité entre ces deux domaines d'études du langage.

Mots clés:

Philologie. Linguistique. Travaux philologiques.

1. Introdução

Como este artigo, que pretende ser didático, se refere a uma Aula-

-conferência deste XIII SINEFIL, cujo objetivo é o de estabelecer a diferença entre Filologia e Linguística, vamos inicialmente conceituar tais termos, e, em seguida, comentar sobre as suas semelhanças. Logo, vamos procurar esclarecer as suas características particulares e as afins, para entendermos o relacionamento entre essas duas ciências ou disciplinas de uma mesma ciência – os Estudos da Linguagem.

Para isso, vamos desenvolver duas lições: na Lição 1, a partir da leitura do artigo “Filologia: ‘O que é e qual é o seu campo de atuação?’”. Um legado de Bruno Bassetto”, de Botelho (2020), vamos apresentar a definição de Filologia à semelhança do que fez o filólogo brasileiro Bruno Bassetto em seu artigo “Conceito de Filologia Românica” (In: *Elementos de Filologia Românica*. 2001), e estabelecer a delimitação e os métodos de Filologia Românica em particular com base também no artigo de Bassetto “Métodos da Filologia Românica” (In: *Elementos de Filologia Românica*. 2001). Na Lição 2, vamos colocar lado a lado a Linguística e a Filologia, para reconhecer as semelhanças e as diferenças, que há entre essas duas ciências, e constatar que são duas disciplinas dos Estudos da Linguagem.

Em seguida, vamos constatar a existência de uma interdisciplinaridade entre Linguística e Filologia, como o fizeram Altman (2004) e Botelho (2008) em seus respectivos estudos.

2. Considerações fundamentais sobre os termos “filologia” e “linguística”

“Filologia” é um termo que tem sido mal compreendido ao longo do tempo, pois recebeu diversas definições e todas são um tanto quanto subjetivas, pois representam muito mais a impressão ou a aspiração daquele que elabora a referida definição do que a referida ciência é ou deveria ser, se considerarmos a etimologia do termo ou sua atuação.

O Prof. Bruno Bassetto, no início da introdução de seu célebre *Elementos de Filologia Românica* (2001), ressalta o fato de o conceito de Filologia ter recebido diferentes versões:

O conceito de Filologia não é unívoco; divergem muito os autores ao defini-la, ao determinar os limites de seu campo de atuação e até seu objeto de estudo. Daí a necessidade de se levantar a biografia do termo, ainda que concisa, na busca de seu conteúdo semântico. (BASSETTO, 2001, p. 17)

Certamente, sendo diversos os conceitos de Filologia, posto que os estudiosos do assunto ainda não chegaram a um consenso, também não são unívocos o seu campo de atuação e seu objeto de estudo, como observa Bassetto na citação supracitada. Logo, nem pode ser bem definido o seu objetivo.

O termo, que é um helenismo (do grego: “*philologia*”), significa literalmente “gosto pela erudição ou pela literatura”, inicialmente relacionado ao estudo exegético dos textos literários.

Depois de discorrer longamente sobre as diferentes conceituações existentes de Filologia, para finalizar, Bassetto faz a seguinte afirmação:

Com isso, se fixou o conceito moderno, em sentido restrito, de filologia, como a ciência do significado dos textos; e, em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura. (BASSETTO, 2001, p. 37)

Câmara Jr. (1985, p. 117), além de fazer referência ao sentido literal de “amor à ciência”, lembra-nos de que, atualmente, Filologia designa o estudo da língua na literatura, como corroborou Bassetto naquela citação.

Leite de Vasconcellos entende por Filologia Portuguesa “o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, e o dos textos, em prosa e verso, que servem para a documentar. Deixo de fora a História da Literatura propriamente dita.” (VASCONCELLOS, 1911, p. 9). Também essa asserção nos remete à ideia de que a Filologia tem como objeto de estudo a literatura escrita de um dado povo. Logo, pode-se dizer que se trata de um estudo linguístico diacrônico a partir de textos literários escritos de uma língua em especial ou de um grupo de línguas afins. Nesse sentido, o referido termo pressupõe a existência de uma linguagem culta e essencialmente escrita.

Contudo, esse conceito abrangente de “Filologia”, que é bastante difundido e aceito pacificamente por muitos estudiosos, não se confunde com o de “Linguística”, que também é abrangente e mais complexo no que se refere ao estudo sobre a linguagem. A saber, a Linguística é uma ciência que procura observar e descrever os fenômenos linguísticos ou de uma dada língua ou de línguas afins ou nas línguas em geral, na busca de princípios fundamentais, que regem a organização e o funcionamento da linguagem humana, como elemento de comunicação entre os membros de uma dada comunidade linguística e de exteriorização psíquica desses

mesmos membros.

Portanto, essa especificidade dos estudos da linguagem pertence exclusivamente à Linguística, o que a distingue da Filologia, que não objetiva estudar tal complexidade linguística.

Câmara Jr., em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, apresenta a seguinte definição para o termo “linguística”:

LINGUÍSTICA – O estudo da linguagem humana (v.), mas considerada na base da sua manifestação como língua (v.). Trata-se de uma ciência desinteressada, que observa e interpreta os fenômenos linguísticos – a) numa dada língua, b) numa família ou bloco de línguas, c) nas línguas em geral, para apreender os princípios fundamentais que regem a organização e o funcionamento da faculdade da linguagem entre os homens. (CÂMARA JR., 1985, p. 159)

De fato, essas duas ciências ou disciplinas de uma mesma ciência têm suas especificidades por comporem campos de estudos distintos e específicos, mas que não são estanques; são intercomplementares, porquanto se pode estabelecer uma interdisciplinaridade entre essas duas disciplinas da Ciência da Linguagem.

O estabelecimento da delimitação da Filologia também é outro grande debate, pois muito do que se diz se relaciona com o trabalho filológico ou o trabalho daqueles pesquisadores que se poderiam denominar “Filólogos” e com os métodos da Filologia, em especial, da Filologia Românica.

Bassetto, por exemplo, procura sugerir o limite dos estudos filológicos em seu “O trabalho filológico” (BASSETTO, 2001, p. 44-62):

O trabalho filológico tem por objetivo a reconstituição de um texto, total ou parcial, ou a determinação e o esclarecimento de algum aspecto relevante a ele relacionado. Estende-se à crítica textual, cujo objeto é o próprio texto, até as questões histórico-literárias, como a autoria, a autenticidade, a datação etc., e o estudo e a exegese do pormenor. (BASSETTO, 2001, p. 44)

A partir desse trecho, que é o primeiro parágrafo da Introdução do Capítulo 1, o autor registra uma série de termos, que se faz acompanhar de explicações e especificidades. Termos como: Crítica Textual e suas fases (*recensio*, *collato codicum*, estemática, *emendatio*), Crítica Histórico-Literária e suas abordagens (autenticidade, datação, fontes, circunstâncias, sorte, unidade e integridade, linguagem, avaliação crítica, exegese do pormenor), Edição e seus tipos (Edição Crítica, Edição Diplomática, Edição Paleográfica, outros tipos), são esmiuçados e devidamente ex-

plicados.

Entre nós, pesquisadores brasileiros, a Filologia está imbricada ao termo “Românica”, que nomeia o estudo histórico e comparativo das línguas românicas ou neolatinas, advindas, pois, do latim. E por isso, liga-se ao estudo das transformações da língua latina à formação e estabelecimento da língua portuguesa. Porém, pode-se relacionar esse trabalho filológico (o de Filologia Românica) aos estudos de linguística histórica, história da língua, estilística, metrificacão, história da literatura, crítica literária e edição crítica, como o sugerira, em 1946, a filóloga portuguesa Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1976).

No Brasil e em outros tantos países, o termo Filologia (Estudos Filológicos) por muito tempo foi utilizado como sinônimo de Linguística, especialmente no que se refere aos estudos relacionados à língua e à literatura. Mais tarde, passou a ser utilizado como Crítica Textual, e até então, no Brasil, mais especificamente em Niterói, Filologia tem sido compreendida como Crítica Textual por vários estudiosos do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Convém ressaltar que a expressão “Crítica Textual”, que é moderna¹, refere-se a uma atividade filológica bem antiga, uma vez estudos dessa natureza já se realizavam na Antiguidade Clássica, como nos informa o professor Leodegário Amarantes de Azevedo Filho (1987):

Em relação aos textos da Antiguidade Clássica, bem sabemos que as mais antigas edições críticas são as dos poetas gregos pré-helenísticos, levadas a termo pelos críticos alexandrinos, tais como Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia. [...] No século III, o alexandrino Orígenes empreendeu o seu admirável trabalho sobre a *Bíblia*, com uso de uma metodologia mais tarde seguida por Roma, a exemplo dos trabalhos de Varrão e Probo, mas especialmente a exemplo de Jerônimo e sua edição da *Vulgata*. (AZEVEDO FILHO, 1987, p. 20-21)

De fato, o debate sobre a delimitação da Filologia ainda não teve fim, e essa falta de uma definição do termo Filologia e seu campo de atuação não trazem nenhum benefício aos estudos da linguagem: confundem o pensamento dos nossos aprendizes e representa um entrave no desenvolvimento dos estudos filológicos e na divulgação da Filologia em si.

¹ No século XVIII, graças aos rigorosos trabalhos de Karl Lachmann, a crítica textual moderna foi sistematizada na excelente introdução que escreveu à edição que preparou do poema *De Rerum Natura*, de Lucrécio, publicado em 1750 (SILVA, 2006, p. 9).

3. *Métodos de Filologia Românica, segundo Bassetto (2001)*

Quanto aos métodos de Filologia Românica, segundo Bassetto (2001, p. 63-86), uns são mais adequados e mais produtivos que outros; também há métodos emprestados de ciências afins, que contribuem para o conhecimento da Romanística². Certo é que, não raro, se recorre a uma combinação de métodos para uma visão mais completa de determinado fato a ser estudado; o confronto entre o resultado obtido pela aplicação de um determinado método e a de uma combinação de métodos pode oferecer uma conclusão mais ampla do problema analisado. Os métodos citados por Bassetto (2001) são os seguintes:

- Método histórico-comparativo – esse método consiste em comparar – cotejar – objetos de estudo ao longo do tempo. Esse método foi muito utilizado pela Linguística Comparativa do século XIX, principalmente pelos neogramáticos, que, numa hipótese genética, formulavam questões referentes à natureza e destacavam as relações entre as línguas, que eram classificadas em famílias e consideradas como organismos vivos.

É um método sociológico por excelência, com que se podem estabelecer ligações causais, em que se demonstra que um fenômeno é causa de outro. Logo, em casos onde dois fenômenos estejam simultaneamente presentes, pode-se averiguar com o método comparativo se um depende do outro. Segundo o sociólogo judeu-francês David Émile Durkheim (1858–1917) trata-se “de um modo de demonstrar que entre dois fatos existe uma relação lógica, uma relação de causalidade”.

- Método idealista – esse método que não é propriamente filológico-linguístico, mas filosófico, consiste em estabelecer as relações de causalidade entre os fatos linguísticos e parte do princípio de que o fato linguístico é motivado. O grande problema é que língua não é lógica propriamente e que muitos fatos linguísticos nem são motivados, mas espontâneos, cujas explicações só se podem advir de uma elucubração estilística.

Karl Vossler (1872–1949) aplicou os princípios idealistas e estéticos às línguas românicas, especialmente ao francês, enfatizando exatamente o caráter alógico da língua.

² Para uma melhor compreensão do tema, convém consultar o ótimo artigo “O método em Filologia”, de Silva (2012, p. 249-69).

- Método da Geografia Linguística – esse método consiste em observar a situação em que uma língua e seus fatos linguísticos se efetivam num dado momento em localidades ou em regiões previamente escolhidas. Logo, oferece uma visão geral da situação atual de uma dada língua viva, mostrando como as palavras se chocam entre si, migram, modificam-se, estabilizam-se, renascem ou desaparecem.

O francês Jules Gilliéron definiu as características científicas do método, idealizando e concretizando o primeiro grande atlas linguístico moderno, o *Atlas Linguistique de la France*. Depois, muitos outros atlas foram elaborados em toda a Europa.

- Método de *Wörter und Sachen* (palavras e coisas) – esse método consiste basicamente na etimologia e na biografia da palavra e não em suposições. Por isso, o método Palavra e Coisa, rompendo com os limites estreitos de uma suposição, busca o que há de vivo e não o que está sujeito a cegas leis na linguagem.
- Método onomasiológico – é o método que se propõe investigar os diferentes nomes de um ser (conceitual, animal, vegetal, mineral etc.) individualmente ou em grupo, em um ou mais de um domínio linguístico, considerando aspectos do método da Geografia Linguística e o método Palavra e Coisa.
- Método neolinguístico ou espacial – esse método é uma decorrência do método da Geografia Linguística e consiste, pois, em mostrar o modo pelo qual a história dos diferentes aspectos de uma dada língua deixa no espaço seus traços.
- Método das teorias das ondas – é o método que consiste em registrar distribuições e inovações linguísticas, que, segundo a qual, não são atribuíveis a tendências imanentes numa dada língua. Logo, esse método não abrange a totalidade do fato linguístico, limita-se apenas em observá-lo e acompanhá-lo; estuda-o no espaço, mas sem explicar a sua natureza ou as suas causas. Acredita-se na existência de um centro desencadeador da mudança.

4. Uma possível interdisciplinaridade entre a Filologia e a Linguística

Colocadas lado a lado, a Linguística e a Filologia apresentam muitas semelhanças, não só porque têm um objeto comum – a linguagem

humana –, mas principalmente porque constituem dois caminhos, que se abriram de um mesmo ponto; que se forjaram de formas específicas, mas que se intercalam em alguns pontos de suas trajetórias.

Sobre essa origem comum, a meu saudoso amigo José Pereira da Silva (2006) faz a seguinte afirmação:

Na verdade, os estudos linguísticos surgiram como estudos filológicos, muito tempo antes de tomarem forma científica a Linguística, a Teoria Literária e as dezenas de especialidades que hoje existem relativamente aos estudos da língua e dos textos que nelas são escritos. (SILVA, 2006, p. 9)

De fato, há entre essas duas ciências muito em comum, o que pode fazer-nos pensar que são duas disciplinas de uma mesma ciência – os Estudos da Linguagem.

Como já observamos anteriormente, Filologia e Linguística se distinguem, mas não são áreas de estudos estanques. Primeiramente, constatamos o elo comum entre elas: o estudo da língua, como um sistema de possibilidades linguísticas. Observamos, também, que o campo de estudo da Filologia, contudo, é mais amplo, pois cabe à Filologia, por exemplo, o estudo de ortografia e certos aspectos literários e culturais.

Observamos, ainda, que a maioria das atividades de um filólogo não se confundem com as de um linguista, embora ambos tenham como objeto de estudo a linguagem humana. Algumas das atividades são exclusivamente filológicas:

- a) Edições diplomáticas – Preocupação com a apresentação modelar de uma edição original, atualmente sob técnicas mais fiéis, em que as cópias fotográficas ou eletrônicas reproduzem todos os detalhes da página original.
- b) Edições críticas – Também se observa a preocupação com a apresentação modelar de uma edição original, porém há um inconveniente: na tentativa de eliminar os erros involuntários, há páginas em que ocorrem mais comentários do que texto original.
- c) Comparação de edições diferentes – A comparação de edições diferentes se dá para se chegar ao texto original. O autor se vale de um conjunto de informações e de seu senso crítico e reflexivo para determinar que edição seria a original.
- d) Estudos das divergências entre línguas da mesma origem – O séc. XIX foi marcado pela “Gramática Comparativa” ou “Linguística Comparativa” dos neogramáticos alemães. Essa corrente procurava estabelecer as

origens das línguas a partir da comparação entre elas, como o fez Franz Bopp (1816) com a sua obra “Sistema de Conjugação do Sânscrito em comparação com o Grego, o Latim e o Germânico”. Desse estudo, se deduziu existir uma protolíngua – o indo-europeu – língua hipotética de um povo ariano que habitava no centro do continente asiático por volta do 2.500 a.C. e que migrou para as terras da Europa.

É daquele estudo de Bopp também que surge a Filologia em 1816.

Ainda hoje se acredita que a Linguística, como estudo científico, ou seja, a Linguística moderna, surge cem anos depois com os estudos de Ferdinand de Saussure e seu “Curso de Linguística Geral (1916) – obra póstuma, reunida de suas aulas por um discípulo: Charles Bally, que nem mesmo foi seu aluno nos dois cursos ministrados até 1910.

Contudo, entre nós a divisão de domínios se tornou efetiva, ao menos para aqueles que consideraram uma conceituação tradicional: Linguística e Filologia são ciências (ou disciplinas) distintas. E embora ainda não se tenha uma definição categórica para cada uma dessas ciências e uma delimitação de seus campos de atuação, vislumbram-se uma definição aceita por muitos estudiosos para Linguística e uma noção de definição para a Filologia que uma grande maioria deles compartilham.

Portanto, na tentativa em distingui-las, Silva Neto (1956) afirma que “a Linguística parece-nos sempre geral. A Filologia, sim, encerra todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas: Filologia portuguesa, Filologia indo-europeia. (...)”, mas que depende fundamentalmente de documentos escritos, o que nos impedem de termos estudos filológicos de línguas ágrafas – aquelas que não têm textos escritos. Logo, trata-se de um estudo linguístico diacrônico a partir de textos literários escritos de uma língua em especial ou de um grupo de línguas afins.

Para Coutinho (1976, p. 17), “Filologia é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serviu de instrumento”. Com essa definição, pode-se perceber a diferença que há entre a Linguística e a Filologia, que não são estanques, mas estudos afins.

De fato, é necessário especificar o campo de atuação dos estudos filológicos para que se constate que a Filologia constitui uma ciência específica, que não se confunde com nenhuma outra ciência, que tenha a língua como um de seus objetos de estudo, como já ressaltai em um artigo anterior, citando os estudos da professora Cristina Altman:

Como bem observa Altman (2004), ao longo do tempo, a Filologia se expandiu a tal ponto de incorporar todos os “novos” objetos linguísticos revelados pelos estudos comparados e “como resultado, o estatuto da(s) ciência(s) da linguagem se tornaria cada vez mais ambíguo e oscilante” (ALTMAN, 2004, p. 174). (BOTELHO, 2020, p. 314)

Contudo, pode-se constatar a existência de uma interdisciplinaridade entre Linguística e Filologia, como o fizera Altman em seu artigo “Filologia e Linguística – outra vez” (2004).

A interdisciplinaridade entre elas ocorre quando se relacionam os conteúdos de estudos históricos de uma dada língua, como por exemplo, uma análise linguística de um fato gramatical que se desenvolve ao longo do tempo. Estudos de gramática histórica do português sob uma abordagem linguística têm sido considerados um estudo de Linguística Românica, quando na verdade constituem estudos filológicos com um escopo linguístico. Tem-se, nesse caso, a interdisciplinaridade entre Filologia e Linguística, já que se estabelece a uma orientação acadêmica, que apresenta um processo de solucionar um problema ou de abordar um tópico que abrange os estudos filológicos e os estudos linguísticos.

Outros estudos complexos para serem tratados de forma adequada por uma única disciplina, como é o caso da formação das formas verbais de futuro no português, constituem o que denominamos um estudo filológico-linguístico ou linguístico-filológico – de acordo com o objetivo do analista. Essa e outras abordagens interdisciplinares (linguístico-filológica ou filológico-literária) constantemente ocorrem em uma sala de aula dos Cursos de Letras, cujo objetivo do professor (linguista, filólogo, gramático ou literato) é simplesmente o de construir uma compreensão mais abrangente do fato analisado.

5. Considerações finais

Conclui-se que o consensual conceito abrangente de Filologia não se confunde com o de “Linguística”, que também tem a linguagem como escopo. Diferente da Filologia, a Linguística se preocupa com os fenômenos linguísticos ou de uma dada língua ou de línguas afins ou nas línguas em geral. Logo, somente à Linguística cabe estudar os princípios fundamentais, que regem a organização e o funcionamento da linguagem humana. E isso é o que distingue essas duas disciplinas dos estudos da linguagem e, ao mesmo tempo, possibilita uma interdisciplinaridade entre elas. Portanto, embora tenham elas suas especificidades por compo-

rem campos de estudos distintos e específicos, não são estanques; são intercomplementares, por conta dessa possível interdisciplinaridade entre elas.

O estabelecimento do campo de atuação da Filologia, que também é outro grande debate, pois muito do que se diz se relaciona com o trabalho dos filólogos e com os métodos da Filologia, em especial, da Filologia Românica.

Para finalizar, parafraseando o conceito que nos legou o saudoso mestre Bruno Bassetto acerca do polêmico termo, afirmo que “a Filologia é uma ciência da linguagem e também a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura, tomando-se como base a sua língua materna ou a sua literatura” (Cf. BASSETTO, 2001, p. 37). O seu campo de atuação é amplo e complexo, uma vez que se trata de um estudo transdisciplinar e intercultural, em que se efetiva uma linguagem humana; seu objeto de estudo é uma língua materna, a qual se pode observar nos textos que seu povo produz; e o seu escopo é a caracterização de um povo e/ou de uma cultura através de sua literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina. Filologia e Linguística – outra vez. *Revista Filol. linguíst. port.*, n. 6, p. 161-98, 2004. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Altman2004.pdf>.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarantes de. *Iniciação em crítica textual*. Apresentação de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Presença; [São Paulo]: Edusp, 1987.

BASSETTO, Bruno. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: EDUSP, 2001.

BOTELHO, José Mario. Filologia: “O que é e qual é o seu campo de atuação?”. Um legado de Bruno Bassetto. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76, Anais do XII SINEFIL, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO 26/76supl/24.pdf>.

_____. Conceitos fundamentais acerca de fatores de evolução linguística. *Revista Philologus*, Ano 14, n. 42, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008. p. 52-65. Disponível em: http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/42/conceitos_fundamentais_acerca_de.pdf.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia *Caminhos da Linguística Histórica*. São Paulo: Parábola. 2008.

SILVA, José Pereira da. O método em Filologia. *Revista Solettras*, n. 23, p. 249-69, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/solettras/article/view/3883/2712>.

_____. Filologia como suporte científico. *Revista Philologus*, Ano 12, n. 34, p. 7-18, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO12/34/001.pdf>.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa, segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13. (seguidas das Lições práticas de português arcaico)*. Lisboa: Dinalivros, 1976.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1911.